

O marxismo em *Dialética do desenvolvimento*, de Celso Furtado

Autor:

Henrique Cunha Viana

Doutorando em Economia no Cedeplar/UFMG (CNPq). Mestre em Filosofia pela UFOP (Capes). Bacharel em Ciências Econômicas pela UFMG.

Resumo

O objetivo deste artigo é comentar o posicionamento crítico de Celso Furtado em relação ao marxismo em seu livro *Dialética do desenvolvimento*, de 1964. Após breves observações a respeito do debate historiográfico sobre as fontes e as influências do autor, apresentamos as ideias que Furtado apresenta em seu livro sobre dialética, dinâmica capitalista, Estado, luta de classes e subdesenvolvimento, buscando sistematizar as aproximações e afastamentos do autor em relação à obra de Marx e ao marxismo. Ao fim, discute-se o “marxismo” presente na análise do subdesenvolvimento do livro, e apresentamos algumas questões para investigações futuras.

Palavras-chave: Celso Furtado; Marxismo brasileiro; História do pensamento econômico; Desenvolvimento econômico

Área temática: História econômica, do pensamento econômico e demografia histórica

1. Introdução

Em entrevista a Rosa Maria Vieira, Celso Furtado (2004, p. 38) diz: “Fui leitor atento de Marx. Fui dos poucos brasileiros a estudar Marx, sistematicamente, em Paris. Estudei lá os quatro volumes de *O capital*, em francês. Queria anotar tudo. Fiz esse curso de marxismo no Instituto de Ciências Políticas, com o professor Cornu”. Perguntado na mesma entrevista sobre este professor e sobre sua experiência com o marxismo na Sorbonne, o economista completa:

Entretanto, o marxismo nunca me seduziu, propriamente, como uma doutrina. A grande sedução do marxismo estava na sua macroeconomia, que era pioneira: poder olhar a sociedade como um todo. Mas, quando eu cheguei a ela, já tinha passado por Keynes, cuja macroeconomia era mais sofisticada. Portanto, não fui influenciado. *Mas rendi minhas homenagens.*(*ibidem*)

Mesmo longe de ser considerado um economista marxista, Celso Furtado já foi, contudo, lembrado como autor próximo desta tradição. Nesse sentido, Maurício Coutinho (2001, p. 35) comenta a presença das “referências atentas” a Marx nos textos de Celso Furtado, bem como, por outro caminho, a influência de sua obra no marxismo brasileiro. Este último movimento tem início com a publicação de *Formação econômica do Brasil*, texto que se tornou uma referência fundamental para marxistas na década de 1970¹ no Brasil. Já a leitura furtadiana de Marx ou suas “referências atentas” poderiam ser identificadas com maior clareza, diz Coutinho, principalmente nos livros *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, de 1961, e *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, de 1967².

João Antônio de Paula (2018, p. 154) nos diz que, ainda reconhecendo o desejo do autor de marcar sua distância em relação ao marxismo, “é significativa a presença de Marx na obra de Furtado”. Um exemplo da aproximação com o marxismo é a incorporação do conceito de “sentido da colonização” na tese de doutorado que Furtado defendeu na França em 1948, conceito esse formulado pelo historiador marxista Caio Prado Júnior. Similarmente, Álvaro Bianchi (2010, p. 185) nos fala de *Formação econômica do Brasil* como um texto “em profundo diálogo” com o marxismo.

Também Guido Mantega (1997, p. 155) escreve a respeito da relação entre Furtado e o marxismo que “mesmo não sendo marxista desenvolveu um trabalho teórico crucial para o avanço do materialismo histórico no pensamento social brasileiro”. Mesmo que sem movimentos explícitos de aproximação com a tradição marxista, o “peculiar encontro” de Marx e Keynes na obra de Furtado justificaria, para Guido Mantega, sua inclusão no grupo dos “materialistas funcionalistas” do pensamento econômico brasileiro, segundo sua tipologia do pensamento econômico brasileiro. Assim, Celso Furtado teria sido - junto de Ignácio Rangel, Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Júnior - um agente importante da consolidação do materialismo histórico no Brasil.

Apesar das diferentes alusões por parte dos comentadores da obra de Furtado à sua relação com o marxismo, são escassas as discussões teóricas mais detidas acerca dos contornos desta aproximação. Parece-nos relevante, todavia, compreender em maior detalhe os diálogos de Furtado com Marx e o marxismo, especialmente quando consideramos seu pioneirismo na análise da economia brasileira inspirada na crítica da economia política de Marx (MANTEGA, 1997, p. 155). Ao que parece, a leitura de Furtado representou um passo

¹ *Ibidem*, p. 37.

² *Ibidem*, p. 45.

decisivo na assimilação das idéias de Marx no Brasil, mesmo que o marxismo figurasse como uma entre as várias outras fontes do autor³.

Dialética do desenvolvimento, publicado por Celso Furtado em 1964, é uma fonte que parece bastante interessante e profícua, ao menos à primeira vista, para a discussão sobre a relação do autor com o marxismo. Este livro - que de acordo com Bresser-Pereira (2005, p. 93) é a obra teórica à qual Furtado dá mais atenção em seus textos autobiográficos, uma vez que recebe um resumo completo em *Fantasia organizada* - nos é bastante instrutivo, por apresentar a leitura e interpretação do autor a respeito da teoria social marxiana e de outros marxistas. Segundo o próprio Furtado, *Dialética do desenvolvimento* é uma monografia “na qual marcaria nitidamente minha posição a respeito dos objetivos da luta em que tanto me empenhara”. Seu objetivo com este livro seria:

colocar à disposição dos jovens um conjunto consistente de ideias capaz de dar resposta às perguntas que com mais frequência me dirigiam. Certos conceitos eram utilizados de maneira confusa, a outros atribuía-se o poder de exorcizar os males sociais como num passe de mágica. Meu primeiro objetivo foi quebrar um tabu em torno dos chamados “clássicos do marxismo”. Havendo estudado na Europa, habituara-me a dialogar com esses pensadores, considerando-os parte importante de nossa herança cultural. O segundo objetivo seria precisar o alcance da dialética, que voltara à voga com a Crítica de Sartre, deixando claro que utilizá-la não nos dispensava de aplicar com rigor os métodos científicos na abordagem de problemas sociais. O terceiro ponto seria desmistificar o conceito de “luta de classes”, de fundamental importância para entender a dinâmica das sociedades capitalistas. O quarto ponto seria a abordagem das transformações sociais realizadas por métodos revolucionários. Interessava-me demonstrar, em particular, que muitos dos conceitos que usávamos no essencial haviam surgido no contexto da história social europeia, sendo falacioso o universalismo que entre nós lhes atribuíamos. (FURTADO, 2014)

A primeira parte de *Dialética* é dedicada à discussão não apenas da noção marxiana de desenvolvimento, como contém também apreciações a respeito de Engels, Lênin, Lukács e Sartre. Neste texto, Furtado apresenta análises sobre a sociabilidade capitalista, articulando os problemas da consciência de classe e da revolução socialista. Por um lado, as referências diretas ao marxismo em *Dialética do desenvolvimento* dispensam a discussão sobre a efetividade da influência desta tradição na problemática e nas investigações de Furtado por volta de 1964. Por outro, o debate aberto e mais demorado do autor com o marxismo nos instiga a investigar a dimensão desta influência e a posição de Furtado neste momento.

Nas páginas que seguem, oferecemos um breve comentário sobre a posição de Furtado em relação à teoria da sociabilidade capitalista de Marx⁴. Além das “referências atentas”, das quais fala Coutinho, pretendemos oferecer apontamentos que possam tornar um pouco mais claros os contornos desta incursão marxista de Furtado. Se nos parece apressado falar de “incorporação”, “assimilação”, “adesão” ou mesmo “rejeição” às ideias marxistas em *Dialética*, acreditamos ainda que é possível, a partir dos comentários críticos do autor, apresentar hipóteses a respeito da importância do marxismo para este momento de sua produção teórica.

³ Dentre as grandes fontes formativas, mais decisivamente, o positivismo e a sociologia norte-americana. Ainda, Furtado teria sido influenciado pelo pensamento crítico latino-americano, centrado na figura de Raul Prebisch, os economistas de Cambridge, na Inglaterra e a historiografia da *École des Annales*, na França (PAULA; ALBUQUERQUE, 2020).

⁴ Furtado (2014) diz que este livro é resultado da vontade de discutir, a partir de Marx, a importância da dialética para pensar a historicidade e os processos sociais, o conceito de luta de classes, a ideia da revolução social e da transformação, o Estado, a cultura e a própria dialética do desenvolvimento/subdesenvolvimento. Neste sentido, a crítica da economia política de Marx parece uma referência de teoria sobre a sociabilidade capitalista, em sua dinâmica e sua história, que Furtado parece ora endossar, ora censurar.

Além desta introdução, o texto possui três seções e considerações finais. Na seção que segue, a partir de um comentário bem próximo da fonte, recolhemos e discutimos os elementos textuais que nos parecem mais importantes para a nossa avaliação da postura crítica de Furtado em relação à dialética. Em seguida, discutimos os comentários de Furtado sobre a teoria marxiana da sociabilidade capitalista e, por fim, na última seção, oferecemos hipóteses para a discussão da influência do marxismo na obra do autor, seguidas de considerações finais. Com isso, pretendemos oferecer uma pequena contribuição ao debate sobre a formação do pensamento de Celso Furtado e suas fontes, atentando, ao mesmo tempo, para o que parece ser uma lacuna nas discussões sobre a assimilação e/ou recepção do marxismo no Brasil.

2. Dialética, lógica social e historicidade

A breve introdução de *Dialética do desenvolvimento* (daqui em diante referida apenas como *Dialética*) exemplifica o que Furtado diria, anos depois, em *Fantasia organizada*, sobre o tipo visado de análise do livro. Compreendendo que o horizonte político “se estreitava” no início de 1964, o autor quis acelerar o processo da escrita e arrematar logo o material que vinha elaborando a respeito da tradição marxista e dos problemas socialistas. O livro, diz Furtado (2014), nasceu de um desejo de intervenção no debate público, a partir do entendimento de sua responsabilidade enquanto intelectual em discutir aquelas questões.

Assim, a respeito das responsabilidades e do papel do intelectual, o autor abre seu livro dizendo que o cientista social não-omisso deve ter uma visão de conjunto da realidade que pretende investigar. A visão de conjunto, que busca a riqueza dos detalhes e a conexão entre fenômenos de esferas diferentes, consegue ir além dos condicionantes sociais mais imediatos. E “isto lhe faculta mover-se num plano de racionalidade mais elevado e lhe outorga uma responsabilidade toda especial: a inteligência”⁵. Furtado parece falar aqui não da faculdade do *entendimento* - que apesar de sua força analítica não consegue reconstruir o seu objeto -, ao revés, requisita a *razão* como a faculdade necessária à correta apreensão dos fenômenos sociais, porque possibilita “ver mais longe”⁶, holisticamente.

Essa visada holística parece ser a linha-mestra do argumento de *Dialética*, que se aproxima do problema da *lógica do processo social* em diferentes níveis de abstração. A primeira parte do livro, por exemplo, principia sua discussão sobre a sociabilidade humana num grau muito elevado de generalidade. O processo social e histórico é apreendido por meio dos conceitos de “forças” e “dinâmicas”, que o autor apresenta como mais ou menos “universais”, enquanto “tendências” de movimento das sociedades. Já a segunda parte é inteiramente dedicada à “visão de conjunto”, não mais no plano teórico geral e da discussão universal, e sim a partir da categoria da particularidade. Tendo como base o quadro de referências construído pela discussão anterior da generalidade, Furtado se aproxima do que Marx chamava concreto, quando propõe uma análise das singularidades do capitalismo brasileiro, estrutural e conjunturalmente. Porém, há muito mais sobre a dialética do que as ideias de totalidade e de visão de conjunto.

Ainda no capítulo de abertura, Furtado afirma que a dialética hegeliana é o ponto de partida do movimento mais importante de renovação do pensamento social no século XIX: “Hegel instituiu o princípio de que o mundo não está constituído por *coisas* acabadas, e sim, por um conjunto de *processos* e de que somente uma lógica do desenvolvimento nos poderá capacitar para compreender esses processos, denominando a essa lógica de dialética”⁷.

A dialética é o nome dado à *lógica social*, uma organização racional dos fenômenos que apreende os momentos mais importantes do processo social em geral. A análise dos

⁵ FURTADO, Celso. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, p. 10.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p. 13

conflitos e do desenvolvimento das formas sociais da dialética hegeliana possibilitaria apreender um “sentido”, compreender os nexos da necessidade histórica. E esta *lógica* parece permitir a apreensão da *dinâmica* porque ela oferece algo como uma ontologia e uma teoria da sociabilidade. Assim o autor resume a dialética social na obra de Hegel:

Cada período histórico teria um caráter próprio que unificaria todas as instituições de uma época, tais como religião, política, artes, etc. Uma modificação fundamental introduzida em qualquer dessas instituições teria repercussões em todas as demais; mas tais modificações não se produziram de forma caótica, e sim, como resposta a outras modificações anteriores e dentro de uma lógica cujo princípio básico traduziria o fato de que os processos históricos se produzem por contrários. A dialética leva a compreender a histórica como uma oposição de forças em equilíbrio móvel. O impulso criador da história está no conflito de forças contrárias, mas é a porque existe um equilíbrio móvel dessas forças que os processos históricos apresentam um “sentido”.⁸

Mesmo não aderindo ao sistema de Hegel, Furtado parece interessado nas apostas da dialética, principalmente na possibilidade de conhecimento da história, de oferecer uma visão sintética do real e “dar unidade à multiplicidade”⁹ a partir do reconhecimento da contradição entre forças atuantes no processo histórico, que resultam no “equilíbrio móvel” das formas e instituições sociais. Furtado parece então convencido de que a compreensão da história carece da totalização, da visão de conjunto, da análise do todo e de suas contradições. Essas são as bases assentadas por Hegel, que posteriormente são modificadas por Marx, que avançou na identificação das forças primárias que direcionam o desenvolvimento histórico, diz Furtado. Segundo o autor, a dialética social de Hegel recebe um certo *conteúdo material* na pena de Marx, que centrou sua análise no dinamismo social nas relações de produção.

Entendendo que as relações de produção são as determinantes principais da estrutura social, Marx teria construído, diz Furtado, “o primeiro modelo dinâmico de representação da realidade social, dando à dialética uma extraordinária eficácia como instrumento explicativo dos processos históricos”¹⁰. Ainda assim, o economista brasileiro marca sua postura crítica: apesar de seu pioneirismo e eficácia, o modelo marxiano permanece sendo uma simplificação, tanto por conta da noção de infra-estrutura e superestrutura, quanto pela divisão da sociedade em apenas duas classes.

Para Furtado, o modelo da sociabilidade capitalista de Marx é mais um dentre os vários modelos dialéticos possíveis. Em realidade ele é, diz Furtado, “o mais simples de todos”. Mesmo reconhecendo os méritos da teoria marxiana, Furtado defende uma ampliação do horizonte analítico a partir dos conceitos de cultura e organização social. A antropologia e a sociologia modernas deveriam oferecer suas contribuições a um tal novo modelo, dados os avanços recentes nas ciências. Marx, contudo, não é apenas um marco, como também oferece ferramentas para pensar a atualidade, uma vez que a dialética marxiana é adequada para pensar o “processo de rápida mudança que caracteriza a nossa cultura” e que seu modelo “reflete as transformações intensivas que uma tecnologia em acelerado desenvolvimento introduz no seu processo produtivo”¹¹.

Porém, mesmo defendendo a importância do uso de teorias sociais e ferramentas analíticas mais recentes e desenvolvidas ao longo do século XX para a compreensão da especificidade dos processos sociais e históricos, Furtado reconhece que a teoria marxista apresenta uma poderosa hipótese ordenadora sobre o desenvolvimento social, *sem rival a seu*

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem, p. 15.

¹⁰ Ibidem, pp. 16-17.

¹¹ Ibidem, p. 19

*nível de generalidade*¹², não tendo sido substituída por nenhuma outra que lhe fosse superior. Todo modelo social, explica Furtado, elege um elemento exógeno que conforma-se como o centro do seu dinamismo. Para a tradição marxista, a *técnica* seria um tal *elemento exógeno* e, portanto, seria *estruturante* em relação ao todo. Na ausência da especificação de todas as variáveis e da explicitação de todos os mecanismos de transmissão de forças na estrutura social, é necessário, defende Celso Furtado, ter uma ideia do todo.

O impedimento do acesso exaustivo às partes faz com que seja fundamental apresentar “hipóteses intuitivas sobre o comportamento do processo histórico como um todo”¹³. Por este motivo, além da visada sistêmica e holística, a teoria social marxiana oferece uma *lógica social* com níveis de generalidade que facilitam a compreensão do real. Furtado defende que uma análise da singularidade é perfeitamente possível, mesmo tendo um quadro teórico tão geral e abstrato de início. Segundo o autor, a partir do reconhecimento das forças dinâmicas estruturantes do processo social e do trabalho com as hipóteses ordenadoras da dialética marxista é possível acrescentar ainda outras hipóteses e variáveis, a fim de abarcar situações concretas.

Furtado comenta ainda neste momento as críticas recorrentemente feitas à Marx em relação à presença de uma teleologia da história e de uma noção de progresso em sua teoria. O autor reconhece os esforços da antropologia de sua época em se contrapor às tendências teleológicas, progressistas, economicistas e reducionistas do social, na direção de uma compreensão mais refinada do social e da dinâmica entre elementos materiais e não materiais da cultura. Não obstante, Furtado sustenta que a hipótese marxiana do maior dinamismo e importância da inovação tecnológica no processo social - e, por conseguinte, de seu caráter estruturante e determinante da cultura inteira - é de relevância inarredável para o estudo das economias capitalistas.

A justificativa apresentada pelo autor é a de que as mudanças no nível da superestrutura, ou dos valores, são, por um lado, mais lentas e, por outro, provocam reações menos disruptivas no todo social do que aquelas advindas do “fluxo de permanentes transformações da cultura material”, traduzidas em “aumento na oferta de bens e serviços à disposição da coletividade” e que “determinam a liberação de mão-de-obra de uns setores e sua absorção em outros, é de esperar que tenham repercussões em toda a estrutura social”¹⁴.

Pelo exposto acima, parece-nos possível dizer que neste texto Furtado adere à dialética marxista, ainda que criticamente. O autor faz a ressalva de que sua efetividade enquanto instrumento analítico está condicionada a um determinado período histórico, ao capitalismo. Porém argumenta que o conceito marxiano do movimento histórico inspirado em Hegel é necessário à investigação do desenvolvimento, por lhe dar um sentido, por permitir a apreensão de certos nexos e encadeamentos históricos. A partir da discussão sobre o sentido da história, Furtado oferece uma definição de desenvolvimento econômico que parece estruturar o *Dialética*: “um processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas - preexistentes ou criadas pela própria mudança - são satisfeitas através de uma diferenciação no sistema produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas”¹⁵.

A partir dessa definição geral, Furtado passa à discussão das sociedades nas quais “predomina a propriedade privada dos meios de produção”, onde “os conflitos resultantes da introdução de inovações nos processos produtivos tendem a transformar-se em conflitos de classes”¹⁶. Daí, de uma consideração geral sobre a sociabilidade humana - num grau bastante

¹² Ibidem, p. 22.

¹³ Ibidem, p. 22.

¹⁴ Ibidem, p. 25.

¹⁵ Ibidem, p. 27.

¹⁶ Ibidem, p. 28.

elevado da generalidade, como dissemos anteriormente - o autor passa à investigação da dinâmica de um tipo particular de organização social: as sociedades de classes.

3. Teoria da sociabilidade capitalista, luta de classes e forma Estado

Dialética apresenta a posição de Furtado acerca das teorias marxianas da sociabilidade capitalista, principalmente a partir da discussão do Estado, das lutas de classes e da inovação tecnológica. Como dissemos anteriormente, para o autor é necessária uma teoria social que seja capaz de expor as principais forças motoras, os centros dinâmicos do modo de produção capitalista, a fim de compreender o processo histórico social em profundidade. Discutindo com o marxismo, Furtado se posiciona neste momento em relação a questões teóricas muito importantes.

A primeira delas que queremos ressaltar é a relação entre a dinâmica capitalista e a luta de classes. O autor nos diz que, de um lado, a divisão do trabalho própria à produção capitalista projeta uma forma estratificação social em classes; de outro, a infraestrutura produtiva está em permanente transformação “em decorrência de conflitos sociais criados pelo processo produtivo baseado na apropriação privada dos meios de produção”¹⁷. A apropriação privada pela classe dirigente é, contudo, potencialmente explosiva em termos políticos; por este motivo, a apropriação e a exploração são contrabalançadas por outras forças sociais. Essa é a dinâmica do modo de produção capitalista, o que explica o movimento direcional da acumulação e as inovações produtivas constantes.

E a divisão de classes se relaciona também, por sua vez, à acumulação capitalista, uma vez que a autolimitação social do consumo é forçada pelas classes dirigentes, atingindo diferentemente os indivíduos segundo sua classe, dada a extrema desigualdade da distribuição no modo de produção capitalista. Dos principais impulsos do desenvolvimento capitalista é a acumulação, “pelo qual a minoria dirigente procura limitar o consumo da coletividade”¹⁸. Este princípio não é, porém, suficiente para explicar a dinâmica: se a classe dirigente pudesse tudo reter, a acumulação de capital encontraria um ponto de saturação.

Segundo Furtado, uma outra força se coaduna com o impulso da acumulação no processo do desenvolvimento capitalista, “o impulso à melhoria das condições de vida”. Parte do produto excedente é distribuído entre as classes trabalhadoras, que tomam então consciência de seu “regime de permanente racionamento na satisfação de suas necessidades”. A partir da percepção dos contrastes, do choque entre os dois mundos - o da abundância e o da privação -, os membros da classe trabalhadora tomam consciência da desigualdade e exercem pressão política pelo aumento de sua participação na renda social, “elevação e diversificação do seu padrão de consumo”¹⁹. Ainda segundo Furtado, o poder da classe trabalhadora neste jogo de forças seria sempre crescente, se a pesquisa tecnológica não tivesse se tornado poupadora de trabalho, um fruto da dinâmica da luta de classes. O autor defende então que é justamente na confluência entre esses dois impulsos que reside o *motor da inovação tecnológica*, que por sua vez, é o centro dinâmico do desenvolvimento capitalista. Em outras palavras, Furtado defende que a luta de classes é o processo chave para o entendimento da dinâmica capitalista.

Preocupado com os usos da teoria social e com a análise concreta, Furtado parece considerar necessário avançar no problema da *particularização* da teoria. Após discutir a dinâmica capitalista em sua generalidade, o autor se aventura além da crítica da economia política e passa a examinar a *forma Estado* - um momento da mediação do poder de classe na sociabilidade capitalista, que adquire a forma política e institucional. Se Furtado faz neste

¹⁷ Ibidem, p. 33.

¹⁸ Ibidem, p. 62

¹⁹ Ibidem, p. 63

momento uma crítica à teoria engelsiana do Estado, fica claro que ele fala *a partir do marxismo*.

Segundo o economista, “as modernas democracias capitalistas são o coroamento das forças antes analisadas”²⁰, ou seja, dos impulsos principais do capital. Ele explica que, segundo as exigências do próprio capitalismo, é necessário algum nível de democracia e participação política nos negócios estatais, a fim de acomodar os dois impulsos anteriormente identificados da dinâmica capitalista. É necessária, então, a “autolimitação no exercício do poder” por parte da classe dominante. Se o domínio da classe dirigente é absoluto e a acumulação não tem obstáculos, o centro dinâmico da luta de classes se perde: uma pressão excessiva sobre a classe trabalhadora leva à estagnação e à saturação da acumulação. Furtado entende, então, a política contemporânea como forma da limitação e mediação do poder capitalista, asseverando que os conflitos de classe se manifestam na *forma Estado*²¹, com vantagem incontestável, é claro, para a classe dirigente.

Depois de examinar as principais forças dinâmicas do capitalismo e a forma Estado em termos marxistas, Furtado inicia a análise de uma forma particular de “estrutura social”: o subdesenvolvimento. Segundo o autor, o fenômeno permite, num primeiro momento, uma aproximação em termos econômicos, mas isso não é suficiente: para a correta apreensão do subdesenvolvimento é necessária uma análise do Estado, do *exercício de poder* nas sociedades ditas subdesenvolvidas.

Num nível geral, Furtado observa a importância do caráter agrícola da maioria dessas sociedades. Neste contexto, os latifundiários constituem a facção mais influente da classe dirigente. Concorrentemente, costuma existir também nessas sociedades uma relativa paz social no campo, dada a dificuldade de organização do campesinato. Porém há algo de mais fundamental nessa estrutura social que leva Furtado a defender que o subdesenvolvimento tem uma *dialética particular* no interior da dinâmica capitalista. O essencial desta dialética, ao que parece, é o *dualismo estrutural* na economia. É ele o elemento diferenciador entre o simples atraso e o subdesenvolvimento.

A causa da estrutura dual, explica Furtado, é a coexistência entre *dois setores produtivos, com duas lógicas diferentes*: de um lado um setor agrícola atrasado, de outro um setor industrial dinâmico. O subdesenvolvimento enquanto estrutura social é explicado, então, a partir da luta de classes. Aqui, especificamente, a partir das disputas internas das classes dirigentes. Esses antagonismos e dinâmicas são específicos das sociedades subdesenvolvidas, com “conflitos internos ao setor capitalista” e “tensões criadas entre este e a economia preexistente”²² não observados nessa magnitude onde inexistente o dualismo.

Ademais, as economias subdesenvolvidas e duais possuem em geral grande exército de reserva, o que por sua vez dá lugar de um lado a uma luta de classes fraca, de outro a uma

²⁰ Ibidem, p. 65.

²¹ É digna de nota a discussão que Furtado faz, a partir de uma perspectiva marxista, quando discorre sobre as funções da forma Estado. Além da função de mediador do conflito de classe, Furtado menciona ainda entre as funções do Estado a defesa de mercados nacionais, enquanto forma de organização interna da burguesia e o provimento de serviços, dada a grande complexidade dos centros urbanos, necessários à centralização e concentração produtiva do capitalismo. Para o bom funcionamento dos negócios capitalistas, o Estado deve prover serviços, mas deve evitar a interferência nos processos de produção e distribuição - a não ser que a desigualdade seja crítica e possa abalar a ordem -; ao mesmo tempo, deve acabar com alguns privilégios tradicionais, aqueles que não estão em sintonia com a forma especificamente capitalista de produção. Deve ainda ter certa flexibilidade institucional, a fim de se adequar a mudanças produtivas, ao passo que deve também ser fonte da estabilidade, de manutenção das regras básicas para o prosseguimento da acumulação. O Estado faz, portanto, a mediação da luta de classes, garantindo o dinamismo capitalista e evitando a revolução, ou as “soluções políticas extralegais” formuladas por parte da classe trabalhadora, como diz Furtado. É por conta da complexidade de sua tarefa que o Estado pode, ao mesmo tempo, acolher conquistas sociais e liberdades cívicas, e reprimir quando “necessário”.

²² Ibidem, p. 79.

classe dirigente acostumada com elevadas taxas de lucro. Parte da explicação para o baixo dinamismo dessas economias aí reside; outra parte é creditada à pressão exercida sobre o setor rural e às subdivisões da classe dominante, composta de três setores principais que disputam o poder: o núcleo primitivo latifundiário, os controladores do comércio exterior e o grupo capitalista apoiado no mercado interno. Como defende Furtado, as posições ideológicas de cada grupo são conflitantes e, na ausência de dinamismo interno da estrutura econômica, tornam essas classes incapazes de solucionar as contradições internas.

Partindo da teoria social marxiana e das discussões marxistas a respeito da sociabilidade capitalista, do Estado e da luta de classes, Furtado propõe a discussão da *dialética particular do subdesenvolvimento*. Analisando seu objeto em sua particularidade, Furtado conclui que o Estado nas economias subdesenvolvidas tem uma importância maior do que a observada nas economias centrais, haja vista as diferentes estratégias das facções das classes dominantes para alcançar o controle das posições de mando. A ausência de uma autêntica luta de classes complexifica, por sua vez, o campo ideológico. A deficiência da consciência de classe faz com que a classe trabalhadora da sociedade subdesenvolvida se junte às classes médias enquanto “massa de manobra” não apenas da ideologia da classe dominante, como também das posições de cada uma de suas facções, ao sabor da conjuntura política.

Arrematando o conceito do subdesenvolvimento a partir desta perspectiva, Furtado indica que uma grande marca da estrutura dual é a instabilidade política. Associada à inflação, essa instabilidade faz do governo um jogo entre as facções das classes dominantes, muitas vezes culminando em ditaduras e golpes de Estado que, invariavelmente, se direcionam à direita no espectro político²³. Seu argumento final sobre a dinâmica do capitalismo subdesenvolvido é construído lado a lado ao seu comentário sobre a tradição marxista. A segunda parte do livro, depois dos seis capítulos de discussão teórica geral, é dedicada ao “diagnóstico da crise brasileira”, que não será objeto deste texto. As últimas palavras da primeira parte do livro - de 1964, vale lembrar - parecem ser um diagnóstico muito bem informado sobre a situação da luta de classes no Brasil: “não há nenhuma dúvida de que para nós se abriu uma época de revolução social. Resta saber se esse processo revolucionário se desenvolverá sob a forma de *atividade prática crítica*, ou como a tragédia de um povo que não encontrou o seu destino”²⁴.

Furtado, com Marx

Retomemos agora mais sistematicamente o que podemos apreendemos da leitura que Furtado faz da crítica da economia política de Marx e dos marxistas em *Dialética*, apresentando alguns apontamentos sobre os afastamentos e as aproximações da tradição em seus argumentos. Pensando o plano geral da obra, acreditamos ser possível dizer que o livro de Furtado contém: i) um esboço de discussão de uma teoria da dinâmica social em geral, ii) apontamentos sobre uma teoria da sociabilidade especificamente capitalista, iii) uma discussão da particularização da sociabilidade capitalista, quando da exposição sobre a forma Estado, iv) asserções sobre o tipo específico do capitalismo periférico e, por último v) apresentação de generalidades ou de um modelo brasileiro da dialética social. A análise, bem geral e universalizante a princípio, vai se particularizando até chegar à questão brasileira, tomada em revista na segunda parte do livro.

Primeiramente, gostaríamos de ressaltar que a forma de exposição de Furtado faz pensar que a dialética está presente também no método de exposição e no método de investigação do autor no tocante ao problema do subdesenvolvimento, além de ser *lógica do*

²³ Ibidem, p. 85.

²⁴ Ibidem, p. 88.

processo social. O caminho do argumento de Furtado sobre as especificidades do desenvolvimento, sua dialética própria, deste livro parece ser a travessia da generalidade que, por meio da particularização, pode, ao fim, apreender a singularidade. Sua exposição parece seguir os seguintes passos: de uma “dialética social geral”, ao capitalismo, ao Estado, à periferia e, por último, ao Brasil. É a passagem por todos estes níveis, compreendendo os nexos entre eles, que habilita Furtado a iniciar sua discussão da segunda parte do livro, quando apresenta “visão de conjunto” sobre a economia brasileira. O diagnóstico da crise é precedido pela correta apreensão teórica da dialética do desenvolvimento por meio particularização, através da mediação entre o conceito universal da sociabilidade capitalista e a realidade brasileira. O autor oferece, assim, uma análise do concreto como “síntese de múltiplas determinações”, isto é, em termos marxistas.

Se enquanto *lógica do processo social* a dialética é a *forma de ser* do processo social, Furtado mostra que ela é também a correta *forma de apreendê-lo*. *Dialética*, aqui, parece designar tanto a estrutura social em movimento, com suas generalidades, antagonismos, princípios dinâmicos e tensões, quanto a própria teoria dessa sociabilidade. Teoria essa que, depois da apreensão do todo e da conexão entre as partes, permite pensar outros casos à luz dessas considerações gerais. Por dialética, Furtado parece nomear também a forma do laço, os processos tendenciais de determinado arranjo social, seus desafios, sendo ao mesmo tempo o método de sua apreensão. Permite, enfim, compreender o *desenvolvimento*, por revelar a conexão e o encadeamento de fenômenos distintos, a interdependência entre os termos da estrutura social e uma certo *sentido* do processo histórico.

Ao que nos parece, mesmo não sendo marxista, Furtado tem uma leitura da dialética social marxiana que é interna à tradição. Discute a partir de um marxismo distante do dogmatismo e da ortodoxia, reconhecendo a importância dos diferentes níveis de generalidade da obra de Marx, a importância do movimento de apreensão do concreto e da dialética universal-particular-singular, própria a leituras contemporâneas e mais cuidadosas da obra de Marx²⁵. Também é digno de nota que Furtado endossa o ponto de partida de Marx, também conhecido como “concepção materialista da história”, ao considerar a produção e reprodução da vida material o fundamento da dialética social para a análise das sociedades capitalistas.

Em segundo lugar, cumpre ressaltar também o quanto o autor também parece afinado às discussões contemporâneas sobre a obra de Marx na medida em que defende a historicização da importância das inovações tecnológicas na dialética social. O uso legítimo da dialética marxiana como ferramenta analítica deve ser condicionado, segundo Furtado, ao reconhecimento de que esse papel preponderante da inovação é *próprio à dinâmica do capital*, apenas. Sua interpretação elege ainda a luta de classes como momento central da dinâmica e defende a categoria da *necessidade histórica* para o estudo do desenvolvimento.

Por último, é fundamental retomar o posicionamento de Furtado a respeito do suposto caráter teleológico da obra de Marx. Se o autor não se posiciona assertivamente sobre a existência ou não de teleologia na obra marxiana, é significativo em sua leitura a defesa de uma teleologia restrita, válida enquanto categoria no interior de um mesmo modo de produção. Furtado acredita que a teleologia é categoria importante para se pensar o *desenvolvimento*. O que é distinto da defesa do uso da teleologia para se pensar o devir social ou sobre a sucessão de modos de produção²⁶. Também quanto à questão do possível determinismo tecnológico do marxismo, Furtado parece contornar a questão, na medida em que aponta que uma tal causalidade de fato existe, ainda que *apenas no capitalismo*.

²⁵ PAULA, João Antônio de. *Dialética do inacabamento. Síntese*, Belo Horizonte, v. 46, n.146, 2019.

²⁶ O devir social é muito mais amplo e aberto, tem de ver com a todas as possibilidades abertas historicamente de mudança radical. Sobre a diferença entre desenvolvimento e devir na obra de Marx, ver CHAUI, Marilena. *A História no Pensamento de Marx*. In: BORON, Atilio, et al (Org.). *A Teoria Marxista Hoje: Problemas e Perspectivas*. CLACSO. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

De todo modo, é relevante para a compreensão da discussão que Furtado faz do marxismo a sua defesa da necessidade como categoria central à apreensão do sentido histórico. Dialética, desenvolvimento e história são postas neste livro em termos marxianos, ainda que com ressalvas sobre a localidade histórica e a validade circunscrita ao capitalismo dos conceitos concebidos por Marx. Ainda que Furtado conheça em 1964 o desenvolvimento de outras teorias sociais dinâmicas, sistêmicas e holísticas, bem como as críticas endereçadas ao marxismo por parte da antropologia e da sociologia mais avançadas de sua época, o autor mantém a defesa da categoria da totalidade, especificamente da totalidade marxista, enriquecida pela sua leitura de Sartre e Lukács.

Contudo, nos é necessário registrar também os momentos em que Furtado tem uma leitura mais “dura” da obra de Marx. Primeiramente, sua avaliação de que as relações de produção segundo a teoria marxiana são “uma função da tecnologia disponível” e de que “dentre os fatores determinantes de uma estrutura social, o mais irredutível é o nível da tecnologia”²⁷. Furtado, como já discutimos, reconhece o nível da generalidade dessa hipótese marxiana, bem como sua localidade histórica, mas a metáfora da *função* parece autorizar uma leitura de um determinismo tecnológico na obra de Marx, que não parece se sustentar numa análise mais detida²⁸. Ainda assim, cumpre dizer, o autor parece corrigir este caminho quando, mais à frente, discute a razão de ser do dinamismo tecnológico: a luta de classes. É porque há luta de classes que temos o impulso à melhoria das condições de vida, fruto do reconhecimento por parte dos trabalhadores das limitações impostas pela classe dominante. Também a pesquisa em torno da tecnologia poupadora de trabalho, que aumenta a riqueza social, é parte da estratégia de poder da burguesia, o que parece uma leitura acertada quando pensamos no conjunto da obra de Marx.

O segundo momento complicado de sua interpretação nos parece ser o da consideração sobre o modo de produção. Furtado refere-se mais de uma vez às “simplificações” do modelo dialético marxiano, por vezes contraposto a desenvolvimentos mais refinados da antropologia, da sociologia²⁹. Em outras oportunidades, fala de correções necessárias à teoria do Estado³⁰. Embora endereçadas a Marx, nos parece que tais críticas têm mais de ver com determinadas leituras e interpretações da obra de Marx, e menos com o texto do autor, uma vez que o conceito marxiano de modo de produção é bem mais complexo do que a metáfora da base e da superestrutura, em sua fonte. A associação entre dialética marxiana, simplificação e modelo parece se aplicar mais ao jargão marxista: acreditamos que a obra de Marx resiste a essas leituras numa aproximação mais detida.

De toda forma, cumpre fazer uma breve contextualização sobre o Marx lido por Furtado. *Dialética do desenvolvimento* é livro de 1964, portanto anterior à difusão das principais críticas europeias ao marxismo quanto à teleologia, à necessidade e ao reducionismo, datadas de fins da década de 1950 e início dos anos 60. Desde então, houve muito debate e a obra de Marx foi revista criticamente. Textos foram resgatados e mais estudados, inconsistências editoriais foram corrigidas e pode enfim aparecer um Marx com mais momentos, para além da doutrina oficial dos partidos comunistas. Por este motivo, nos parece que a leitura do autor é bastante atenta e arguta.

Nos importa que os debates sobre os esquematismos de parte do marxismo não estavam ainda consolidados àquela época, e Furtado não obstante oferece uma leitura muito bem informada da obra de Marx, discutindo e contornando vários dos problemas do marxismo

²⁷ Furtado, *op. cit.*, p. 16.

²⁸ Se algumas passagens de *A ideologia alemã* parecem de fato conferir um papel preponderante à técnica, Marx e Engels falam neste texto, contudo, das forças produtivas como as forças humanas próprias, sendo a inovação tecnológica um dos seus momentos e não a sua totalidade.

²⁹ Furtado, *op. cit.*, p. 24

³⁰ *Ibidem*, p. 40.

vulgar. O autor trabalha não apenas com os diferentes níveis de generalidade da dialética marxiana, mas também, o que nos parece ainda mais importante, com a *particularização* da análise para a apreensão das economias periféricas. Por este motivo, *Dialética do desenvolvimento* nos parece um esforço de *tradução* do marxismo na periferia. A tradução é feita a partir das matrizes da dialética social geral, da sociabilidade capitalista e da forma Estado, e arrematada na consideração sobre as especificidades da *estrutura dual*, marca das sociedades subdesenvolvidas, segundo Furtado. Partindo da devida apreensão da dialética social geral e das principais forças do capital, Furtado enceta uma análise do particular, do modo de ser do capitalismo próprio à periferia, o que possibilita uma compreensão concreta da questão brasileira. O que nos faz pensar que a marca de Marx na concepção de desenvolvimento elaborada por Furtado nessa obra é não apenas muito significativa, como também muito frutífera.

Considerações finais

Ainda que Furtado tenha marcado sua distância em relação ao marxismo, *Dialética do desenvolvimento* apresenta considerações sobre o capitalismo periférico que são muito próximas da tradição do qual ele tentou se afastar. Claramente, a postura do autor é sempre crítica, e Furtado não hesita em apresentar suas ressalvas e correções à teoria marxista quando acha conveniente. O livro, contudo, parece apresentar um argumento interno ao marxismo. Quando o autor defende as correções e a necessidade dos desenvolvimentos futuros da dialética, o *faz com o marxismo*, reconhecendo a validade de suas asserções e de acordo com várias de suas proposições. Mais uma vez, isso ainda nada nos diz sobre a permanência dessa visada marxista dos fenômenos no itinerário teórico do autor. Parece relevante, todavia, investigar as reverberações das posições adotadas em 1964 em sua obra posterior, quem sabe de forma comparativa. Mesmo entendendo que as posições de Furtado são alegadamente provisórias e que seu argumento não passou por uma revisão mais detida, acreditamos que a grande importância dada ao marxismo neste livro permite pensar que pode existir uma relação mais conflituosa de Furtado com Marx, para além das “referências atentas”, o que pode ser profícuo para a compreensão de seu pensamento.

Referências Bibliográficas

- BIANCHI, Álvaro. “O marxismo fora do lugar”. *Política & Sociedade*, v. 9, n. 16, p. 177-204, 2010, p. 185.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Desenvolvimento como missão. *Revista de Administração de Empresas*, v. 45, n. 2, p. 90-96, 2005.
- COUTINHO, Maurício. “Incursões marxistas”. *Estudos avançados*, 14, 41, 2001, p. 35.
- CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx. *Rev. Econ. Polit.*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 825-844, Dec. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. A História no Pensamento de Marx. In: BORON, Atilio, et al (Org.). *A Teoria Marxista Hoje: Problemas e Perspectivas*. CLACSO. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- FURTADO, Celso. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. _____ . Entrevista com Celso Furtado. [Entrevista concedida a] Rosa Maria Vieira. *História oral*, 7, pp. 21-40, 2004, p. 38.

_____. A fantasia organizada. In: *Obra autobiográfica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. *E-book* (não paginado)

PAULA, João Antônio de. Celso Furtado, a história e a historiografia. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 10, n. 17, p. 144-165, 2018.

_____. Dialética do inacabamento. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 46, n. 146, 2019.

PAULA, João Antonio de; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta. A formação do pensamento de Celso Furtado, o imperativo tecnológico e as metamorfoses do capitalismo. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 19, 2021.

MANTEGA, Guido. “Marxismo na economia brasileira”. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; SUZIGAN, Wilson. *História econômica do Brasil contemporâneo*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 155.